



## AS AÇÕES PERFORMATIVAS DE PAULA GARCIA E A RESSIGNIFICAÇÃO DO CORPO

Amanda Marques Pinto<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo parte da análise da *live performance* “Corpo Ruído” de Paula Garcia que aconteceu no SESC Pompéia no período de 10 de março à 10 de maio de 2015, a partir disso são observadas as relações de poder e como atingem o corpo a partir de Michel Foucault (1999; 2014). As teorias da performatividade, da vulnerabilidade e da coletividade, bem como as questões de gênero e feminismo proposta por Judith Butler (1999; 2003; 2006; 2016; 2017) com o intuito de problematizar o corpo feminino no ato da performance e também fora dela. Além disso, são citadas pontualmente as discussões sobre a Teoria Ciborgue de Donna Haraway (2009), a teoria Corpomídia de Christine Greiner e Helena Katz (2005, 2015) para observar o corpo vulnerável que se constitui na relação com o ambiente. A partir da análise do processo de criação em conjunto com a experiência de observação da performance da artista, uma leitura é proposta, e com isso, o resultado esperado é colaborar com um campo de estudos que vem sendo trabalhado por pesquisadores e artistas de diversas regiões do Brasil e que propõe reflexões singulares acerca da comunicação do corpo em seus diversos estados.

**Palavras-chave:** Corpomídia. Performatividade. Paula Garcia.


O desejo de fazer essa pesquisa surgiu em 2015 logo após a abertura da exposição Terra Comunal + MAI no SESC Pompéia. Foi neste momento, que conheci a performance da artista Paula Garcia e comecei a interessar-me por sua obra. Após alguns longos dias de observação, tentei aproximar-me ao máximo de sua obra, e de procedimentos anteriores afim de buscar uma leitura sobre os processos.

O início de “Corpo Ruído” como procedimento de estudo e experimentação acontece em 2003, promovendo fissuras na compreensão de corpo assumindo o acidental, a incerteza e o risco por meio de luzes de laser que registram o movimento da luz em contato com o corpo de dois performers.

A partir de 2008, a artista dá início a uma série de vídeo performances e fotografias que começam a testar o contato do corpo com ímãs e a potência destas imagens. E assim

<sup>1</sup> Doutoranda em Comunicação e Semiótica. PUC-SP. [maarques.amanda@gmail.com](mailto:maarques.amanda@gmail.com)





registra uma série de performances e fotografias nas quais a cabeça da artista está coberta por imãs e alguns pedaços de ferro.

Nota-se a partir deste momento que a sua pesquisa foi intensificando a relação entre o corpo e os objetos de modo que a impressão que se tem ao testemunhar todo o processo, é de uma metamorfose do corpo, do pensamento e das imagens. No começo de seus estudos, percebemos que o rosto da artista sempre foi colocado em discussão, especialmente em relação ao seu aparecimento e desaparecimento. Conforme seu corpo vai se metamorfoseando, o processo de pesquisa metamorfoseou-se junto, e isso aparece corporalmente, como movimentos-pensamentos. Até esse momento, pode-se enxergar um corpo que está entrando em batalha para criar o corpo blindado que as imagens refletem. Muitas vezes quando seu rosto aparece devido ao processo de imãs e ferros que vão descolando de seu corpo, podemos ver um rosto que se mistura às ferragens, lutando pela sobrevivência.

Em “Estudo para Duelo” vale salientar que não há a presença da artista na performance, apenas nos bastidores. Isto provoca uma grande mudança porque não se trata mais do corpo da artista sendo testado na hora da ação, mas sim, de dois corpos diferentes que estão em confronto num campo de ferro.

Pode-se observar no vídeo documentado<sup>2</sup> que os dois participantes estão em um jogo de poder o qual faz com que o contato deles seja impossível, visto que estão mediados por uma barreira magnética invisível.

Pode-se perceber que ao longo dos anos sua pesquisa intensifica a relação entre o corpo e os objetos de modo que todo o processo é de uma metamorfose do corpo, do pensamento e das imagens.


Garcia, no seu documentário lançado em 2016, reafirma o seu interesse em estudar o corpo, e assim construir uma camada de proteção sobre ele. Segundo ela, esta vontade surge quando ela é criança e ouve histórias sobre a bomba atômica, se ia explodir ou não nos anos 80, e com isso passa a ter pesadelos durante a noite porque tinha a sensação de que o mundo iria acabar,<sup>3</sup> e a partir disso surge a necessidade de construir um corpo que seja protegido, nesse caso com ferros, num sistema de atração do imã x ferro, para que esse corpo se torne

---

<sup>2</sup> Consultar <http://paulagarcia.net/work/estudo-para-duelo/>

<sup>3</sup> “Desde que eu sou criança eu lembro da história da bomba atômica; “vai ou não estourar?” lá nos anos 80. Eu lembro de acordar no meio da noite tendo pesadelo com isso porque eu achava que o mundo ia acabar. Eu lembro disso muito nitidamente; que de alguma forma, ali em algum momento eu pensei em construir um *super corpo*.” (Fala de Paula Garcia, extraída de seu Documentário *Noise Body* (Corpo Ruído), direção de Gustavo Almeida, 2016.



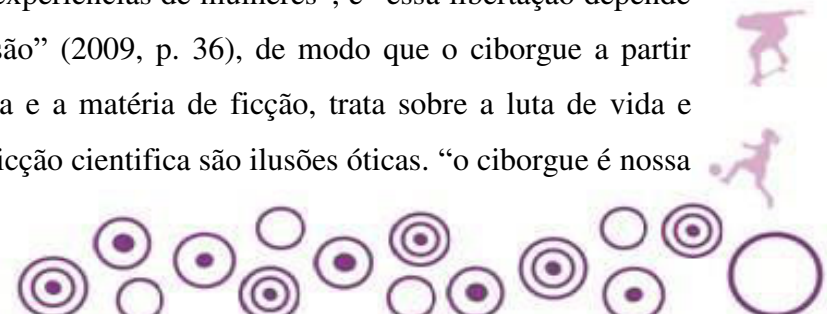



capaz de se auto proteger de todas as mazelas que poderiam afetá-lo, chocá-lo ou moldá-lo a um sistema. O que importa para Garcia é perceber que o medo que pede por proteção é também um poderoso dispositivo que emerge em diversas relações de poder. O que se faz em nome do medo e da segurança?

Corpo Ruindo utiliza materiais de ferro de diversos tamanhos e pesos durante sua performance para repensar o próprio corpo abrindo novas perspectivas e campos de percepção. Ora é uma prótese que o blinda, o protege, ora nota-se um corpo expandido, um corpo híbrido e um corpo que não mais se define a partir da sua organicidade. Metamorfoseado com os objetos que o invadem, extingue-se a separação entre corpo vivo e corpo inanimado, entre sujeito e objeto, pessoa e coisa. Questionando sistemas de poder e as relações com o corpo.

A discussão de poder e do controle é algo recorrente na construção da obra de Paula Garcia, lidando tanto com os poderes macropolíticos quanto com os micropolíticos. A artista afirma em vídeo feito pelo SESC Pompéia sobre “Corpo Ruindo” que seu objetivo com esse trabalho é acima de tudo discutir as forças, sistemas de controle e de poder que vem de fora pra dentro quanto de dentro pra fora dentro de um sistema. E por isso, de acordo com Foucault (1999, 2014), os macropoderes são os mecanismos de poder que se tornam cada vez mais racionalizados e menos invisíveis, tornando a sociedade disciplinadora e controladora. Fazem parte dos macropoderes, por exemplo, as instituições e o Estado que permanecem cada vez mais presentes na vida dos indivíduos, e procuram normatizar seus comportamentos e corpos. Já os micropoderes seriam aqueles não são necessariamente visíveis e institucionalizados, mas que nem por isso acometem menos as pessoas. São eles, por exemplo, as relações interpessoais, as censuras veladas e assim por diante.

Dito isso, retoma-se as questões da corporeidade: o corpo não deixa de ser corpo por estar protegido (ou sufocado) por uma armadura. Ocorre que ele passa a ser uma potência que transita entre o humano, o animal e a máquina. Pode-se dizer que esse corpo passa a se assemelhar ao ciborgue que questiona essas aproximações e ainda busca debater sucessivas dicotomias. Para Donna Haraway (2009), o ciborgue é a mistura entre máquina e organismo, realidade social e criatura de ficção, sabendo que essa realidade social significa construção política com a capacidade de mudar o mundo. E então, ela afirma que os movimentos internacionais de mulheres constroem “experiências de mulheres”, e “essa libertação depende da construção da consciência da opressão” (2009, p. 36), de modo que o ciborgue a partir dessa mistura entre a experiência vivida e a matéria de ficção, trata sobre a luta de vida e morte, sendo que a realidade social e a ficção científica são ilusões óticas. “o ciborgue é nossa





ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material; esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica” (HARAWAY, 2009, p. 37).

O ciborgue não tem compromisso nenhum com o gênero, e nem com a totalidade humana, ele não faz nenhum apelo ao estado original, mas prega por um estado de libertação original que não é pautado pela “salvação heterossexual” da família tradicional perfeita, todas essas binaridades ou polaridades são afastas da concepção do ciborgue.

Diante disso, podemos não só dizer que um super corpo é construído por Garcia, mas uma nova visão de identidade, aquela que atrelada a experiência com a sexualidade traz um novo corpo a ser colocado em questão. Talvez não seja um novo corpo, mas o processo de corpo, visto que o corpo não é algo pré-existente. Para Butler (2002), o corpo está inserido em escrituras culturais e portanto é significado por práticas e linguagem. Portanto, todos os corpos são generificados, e o gênero é entendido como a estilização do corpo a partir da materialização do sexo. Ou seja, o corpo é uma produção de discursos. E todos esses atravessamentos no corpo, constituem uma figura que a partir de uma série de colagens subvertem a norma dada e pronta do sujeito. Essa subversão para Butler (2002) é a possibilidade de criação de novos espaços e enfrentamentos.


Os corpos vivem e morrem; comem e dormem; sentem dor e prazer; suportam a enfermidade e a violência e alguém poderia proclamar ceticamente que estes “fatos” não podem se descartar como uma mera construção. Seguramente deve haver algum tipo de necessidade que acompanhe estas experiências primárias e irrefutáveis. E seguramente há. Porém seu caráter irrefutável de modo algum implica o que significaria afirmá-las nem através de que meios discursivos. (BUTLER, 2002, p. 13).

Assim, é possível observar que a junção entre o dispositivo máquina e o corpo traz consigo questões que são levadas a repensar estruturas sociais e corporais, já que desde o final do século XX o ser humano está diretamente conectado a todo tipo de máquina, nas fábricas, por exemplo, nas tecnologias relativas à saúde e doença e assim por diante.

A armadura pode ser uma proteção construída e desenvolvida a partir de uma zona de medo, mas também é uma forma de resistência, de discussão. Resistência por ser um corpo que se encontra vulnerável a partir de um acontecimento específico, mas que usa dessa vulnerabilidade para criar uma potência de discussão e de força. As questões se tornam aparentes quando esse corpo passa a discutir suas aflições, e com isso as torna visíveis para o mundo exterior.

Essas pontes entre o modo como Garcia trabalha durante as performances e os seus estudos que estabelecem uma rede de inquietações entre diferentes tempos e culturas, sugere





que a política do corpo que emerge de suas obras não adere a uma época específica, mas a questões que reverberam há décadas e que demonstram, de certa forma, como a violência é sentida em sua instância mais primária, sempre no corpo. Seja na metáfora da cabeça que é extirpada ou no desaparecimento do rosto e da singularidade de cada um.

De acordo com Butler (2017) para respondermos eticamente a um rosto humano temos que primeiramente ter um quadro de referências para que sejam incluídas um número de variações que possam se transformar em instâncias disponíveis. Mas, ao passo que as representações de rosto humano são discutidas, somos condicionados a responder a um rosto humano como rosto humano, através de mediações de quadros de referência que variavelmente podem ser humanizadores e desumanizadores, ou seja:

“A possibilidade de uma resposta ética ao rosto, portanto, requer a normatividade do campo visual: já existe não só um quadro epistemológico dentro do qual o rosto aparece, mas também uma operação de poder, uma vez que somente em virtude de certos tipos de disposições antropológicas e quadros culturais determinado rosto parecerá ser um rosto humano para qualquer um de nós.” (BUTLER, 2017, p. 43).

Visto por esse lado, o intuito é trazer a forma humana cada vez mais distante da tradicional, ao passo que o interesse pela anatomia humana cresce, a vontade de desumanizá-la e destruí-la aumenta.


Para Butler, no que concerne aos estudos do corpo, não há “indissociabilidade radical entre natureza e cultura e uma indistinção entre linguagem e ação” (GREINER, 2016). O ser não é restrito ao aparelho biológico, e portanto não deveríamos nos ater a isso. Ou seja, por que é tão complicado assumirmos uma identidade antes de nos identificarmos em um determinado gênero? Porque é tão difícil admitir a identidade como algo que se constitui em processo e não é pronta e compartimentada em papéis determinados por relações de poder?

“Trata-se de um corpo descrito pela linguagem da superfície e da força, enfraquecido por um “drama único” de dominação, inscrição e dominação” (BUTLER, 2003, p. 187).

Butler tem discutido também as formas de coletividade, e a partir disso a materialidade do corpo, não somente como junção de cultura e natureza, mas as indistinções entre o público e o privado, e afirma que “o molde e a forma dos corpos, seu princípio unificador, suas partes combinadas são sempre figurados por uma linguagem impregnada de interesses políticos” (BUTLER, 2003, p. 181). As esferas políticas sempre agem sob nossos corpos, seja de maneira direta ou indireta.

O caráter performativo, é algo que também é colocado em questão, porque se faz necessário entender que as pessoas não são somente sexos/sexualidades/gêneros/corpos sexuais dados, prontos e constituídos que circulam pela sociedade que determina o que





somos ou devemos ser. A performatividade de gênero está atrelada a subversão política, pois a estrutura de poder está constantemente recolocada de repetição e com isso surge a possibilidade de contradizer seus próprios termos. (BUTLER, 1997).

Diaz (2013)<sup>4</sup> afirma que, de acordo com Butler, as relações entre identificação e desejo, que são complexas e múltiplas, dão lugar à identificações não normativas que podem romper com o marco binário, afetando a estabilidade da ordem simbólica. Para Butler, as identificações pertencem à esfera do imaginário; fruto de um desejo que nunca acaba de concretizar-se ao todo. São ocasiões para a desestabilização do eu porque “são a sedimentação do “nós” na constituição de qualquer “eu”, a presença estruturante da alteridade na formação mesma do “eu”” (BUTLER, 2002, p. 159) E resistem à lei para que subvertam e alterem o caráter da esfera simbólica.

Como tem sido discutido por vários autores da filosofia política, a vulnerabilidade é também uma forma de resistência. De acordo com Butler (2016), a vulnerabilidade precisa ser repensada principalmente quando os corpos estão expostos ao poder, e que algumas pessoas são e estão mais vulneráveis que outras. As mulheres por exemplo, sempre estarão em uma posição mais vulnerável e por implicação, os homens em uma posição de maior poder.

Neste sentido, a vulnerabilidade aponta para a possibilidade de mudança, e com isso, ela aparece muito antes de algo ruim acontecer, o estar em estado vulnerável torna o sujeito apto a se fortalecer de maneira a dismantelar a resistência à vulnerabilidade. O ponto não é querer tomar o lugar de outro sujeito, não é uma briga entre o mais forte e o mais fraco com o intuito de conquistar o lugar mais forte, mas sim utilizar dessa potência como forma de agenciamento entre os sujeitos. E esse agenciamento será feito pelas mulheres.

Assim como, fortalecer certas dicotomias não cabem nesse pensamento, já que ao fortalece-las, estaremos cada vez mais dando força aos padrões tradicionais. E dar força à esses padrões é dar lugar às práticas neoliberais. O neoliberalismo regra as pessoas e os sistemas, e assim, muitas vezes, atinge diretamente as pessoas. (BROWN, 2015). Trata-se mais uma vez da ação de micropoderes, nem sempre visíveis, como observava Foucault, mas agindo violentamente no corpo.

## Referências

BROWN, Wendy. **Undoing the demos, Neoliberalism's Stealth Revolution**. Nova Iorque: Zone books, 2015.

---

<sup>4</sup> Elvira Burgos Diaz, professora de filosofia da Universidade de Zaragoza na Espanha, autora do artigo “Desconstrução e Subversão: Judith Butler” publicado em 2013 pela PUC Minas Gerais.





BUTLER, Judith; GAMBETTI, Zeynep; SABSAY, Leticia. **Vulnerability in Resistance**. USA: Duke University Press, 2016

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Bodies that Matter. On the discursive limits of "sex"**. Nova Iorque: Routledge, 1993.

\_\_\_\_\_. **Excitable Speech. A Politics of the Performatives**. New York: Routledge, 1997.

FOUCAULT, Michel. A “Governamentalidade”. In: \_\_\_\_\_. **Estratégia, poder-saber: ditos e escritos**, vol. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006: p. 281-305.

\_\_\_\_\_. **Ética, Sexualidade, Política: ditos e escritos** vol. V. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. 20. ed. Rio de Janeiro, Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GREINER, Christine. **Leituras de Judith Butler**. São Paulo: Annablume, 2016.

\_\_\_\_\_. Christine e KATZ, Helena. Por uma teoria do Corpomídia. In: \_\_\_\_\_. **O Corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

HARAWAY, Donna J., “**A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century**” In: Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature, New York, Routledge, 1991 (Trad. Bras. Tomaz Tadeu. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz, **Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2009.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

